

## MEDICINA ESPORTIVA

# Morte súbita, mas não inevitável

Especialistas ouvidos pelo **Correio** explicam como reduzir o risco de uma parada cardíaca fulminante durante a prática esportiva, problema que tirou a vida de um jogador durante partida do Campeonato Italiano

» LARISSA GOMES  
ESPECIAL PARA O CORREIO

**A** Itália ficou chocada este mês com a morte do meia Piermario Morosini. O meia do Livorno, de 31 anos, sofreu uma parada cardíaca letal durante o jogo contra o Pescara no último dia 14, pelo campeonato nacional. A exemplo do que Morosini experimentou em sua carreira no futebol, atletas profissionais de diferentes modalidades estão sujeitos a níveis extremos de esforço físico e, por isso, precisam de acompanhamento médico regular. Mas será possível prevenir um incidente como aquele que tirou a vida do jogador italiano? Especialistas ouvidos pelo **Correio** respondem que sim.

"A morte súbita pode ser evitada", diz o cardiologista Daniel Jogaib Daher, presidente do grupo de estudos de cardiologia do esporte da Sociedade Brasileira de Cardiologia. De acordo com o médico, se houver uma avaliação periódica do atleta, especialmente às vésperas das competições, a chance de prevenir um ataque cardíaco é alta.

Na avaliação de Daher, muitos jogadores acabam se submetendo a riscos desnecessários em razão de um monitoramento médico falho. Segundo ele, mesmo na Itália, país pioneiro em medicina esportiva, o acompanhamento dos exames pode não ser adequado. "A lei italiana diz que um atleta federado tem de fazer pelo menos uma consulta com um médico do esporte e um eletrocardiograma. No entanto, isso geralmente é feito no começo da carreira e não há obrigatoriedade da repetição do exame com o passar do tempo", conta o médico, ao explicar a legislação

sobre o tema no país europeu, em vigor desde 1982.

Outro problema é que o acompanhamento feito por treinadores e preparadores físicos não pode ser considerado avaliação médica. "Acontece de o departamento médico do clube não estar preparado para fazer a avaliação necessária por falta de equipamentos ou profissionais especializados", aponta Daher. Para ele, porém, é rara essa negligência com os atletas no Brasil.

O médico lembra o caso de Fabrice Muamba, do Bolton (Inglaterra), que teve paradas cardíacas que começaram durante uma partida e se estenderam por 78 minutos. O jogador recuperou-se porque um cardiologista que assistia ao jogo no estádio fez o socorro. "Talvez o atleta não sobrevivesse se tivesse ficado por conta do atendimento do clube", opina Daher.

A opinião do especialista em medicina do esportes Nabil Ghorayeb, diretor da Sociedade Brasileira de Cardiologia, é a mesma. Para ele, é possível prevenir a parada cardíaca, desde que o competidor tenha uma doença diagnosticada. "Muitas vezes, os atletas nem fazem exames apropriados", comenta. Ghorayeb diz que deve ser exigida uma avaliação médica pelo menos com um mês de antecedência da competição. "Porque, além de descobrir a doença, pode dar tempo de tratar o atleta e liberá-lo para jogar."

Ghorayeb cita o que ocorreu com o meia do Flamengo Renato Abreu. "Os médicos do clube detectaram por meio do teste ergométrico que ele poderia ter uma morte súbita. Renato, então, passou por uma cirurgia e foi tratado", diz o especialista. Recuperado da intervenção, o meia já voltou aos jogos oficiais.

Luciano Pieranzunzi/AFP



O meia Morosini, do Livorno, não sobreviveu à parada cardíaca que sofreu em campo na semana passada

## Atenção aos alertas do corpo

Se o colapso do organismo pode ser súbito, o mesmo dificilmente se aplica aos avisos emitidos pelo corpo em risco de mal cardíaco. De acordo com o cardiologista José Kawazoe Lazzoli, diretor da Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte, a maior parte das situações clínicas que podem levar à morte durante a prática esportiva podem ser diagnosticadas por meio da avaliação pré-competição.

"Pode-se prever o risco, seja por meio da anamnese (história clínica), do exame clínico ou da realização de exames complementares, como eletrocardiograma, ecodoppler cardiograma e teste de esforço", explica Lazzoli.

O cardiologista diz que esse tipo de avaliação deve ser uma rotina para atletas de alto rendimento, mas isso nem sempre ocorre. "Em muitos clubes, a ênfase na avaliação de atletas de futebol é no lado ortopédico, e há outros clubes grandes que nem sequer adotam a sistemática de uma avaliação de rotina (alguns fazem avaliações mais superficiais, outros 'sorteiam' os atletas que a ela serão submetidos), alegando questões financeiras", observa o especialista.

De acordo com o cardiologista professor da Universidade de Brasília (UnB) Hervaldo Sampaio, não é o esporte que leva a doença ao jogador. "Ele já deve ter uma predisposição", explica. Para Sampaio, o problema de saúde ocorre porque o atleta de competição faz o corpo atingir um esforço acima do esperado. Desse modo, os sinais do corpo devem ser vistos com atenção. "Às vezes, o atleta desmaia e ele atribui isso a um cansaço ou à falta de alimentação. Mas pode ser sinal de algo mais grave", alerta.

Uma pesquisa do Comitê Olímpico Internacional, com sede na Suíça, registra 1.101 mortes súbitas de atletas com menos de 35 anos entre 1966 a 2004. A média é de 29 óbitos por ano. Na opinião do cardiologista Nabil Ghorayeb, há como prevenir a perda da vida em 95% dos casos. "Acompanho atletas há trinta anos e vejo que é possível fazer um diagnóstico de parada cardíaca pelos resultados dos exames feitos antes das competições", sustenta ele.

## » Como aumentar as chances de sobrevivência

De acordo com o cardiologista José Kawazoe Lazzoli, diretor da Sociedade Brasileira de Medicina do Exercício e do Esporte, para ampliar a chance de sobrevivência do atleta em caso de parada cardíaca é necessário:

» Treinamento contínuo dos profissionais (médicos e não médicos envolvidos com a prática de esporte competitivo) em manobras de ressuscitação cardiopulmonar

» Infraestrutura adequada, com um desfibrilador externo automático e um meio de transporte (ambulância UTI com médico) para o hospital geral mais próximo

» Máxima eficiência no acionamento dessa estrutura, pois a chance de sobrevivência diminui em aproximadamente 7% a cada minuto após uma parada cardíaca



**A prevenção é a melhor estratégia, por meio da avaliação clínica antes de atividades esportivas"**

José Kawazoe Lazzoli,  
cardiologista